

A CONTROVÉRSIA ARIANA E O CONCÍLIO DE NICEIA <https://doi.org/10.63330/aurumpub.015-006>**Marcelo Henrique Silva de Santana**

Mestrando

Gordon-Conwell Theological Seminary

E-mail: msantana1@gordonconwell.edu

RESUMO

Este trabalho analisa a Controvérsia Ariana (séc. IV) e o Concílio de Niceia (325) em suas dimensões teológica e política. Parte das teses de Ário, presbítero de Alexandria, que afirmava a criação do Filho pelo Pai e sua consequente subordinação, e apresenta as respostas dos opositores — sobretudo Atanásio — culminando na afirmação do homoousios (“da mesma substância”) no Credo Niceno. Examina-se como a legalização do cristianismo e a atuação do imperador Constantino moldaram o encaminhamento do conflito, evidenciando a interdependência entre Igreja e Estado no Império Romano Tardio. Mostra-se que, embora Niceia tenha condenado o arianismo e estabelecido balizas para a cristologia trinitária, a disputa prosseguiu por décadas, com apoios episcopais e interferências imperiais, até desdobramentos posteriores em Constantinopla (381). Conclui-se que a controvérsia não apenas consolidou definições centrais da fé cristã sobre a divindade de Cristo e a Trindade, como também redefiniu as relações institucionais e os mecanismos de autoridade entre o poder imperial e a liderança eclesiástica.

Palavras-chave: Arianismo; Concílio de niceia; Constantino; Atanásio; Homoousios; Trindade; Igreja e estado.



1 INTRODUÇÃO

No século IV, durante o governo de Constantino, o Império Romano testemunhou o início de um debate político e teológico: o arianismo. A controvérsia, que perdurou por vários anos e culminou em uma decisão final por parte dos líderes políticos, girava em torno da natureza da divindade de Jesus Cristo. Embora uma decisão tenha sido tomada sobre essa questão, alguns cristãos contemporâneos ainda não chegaram a um consenso unânime sobre o assunto (como os mórmons, testemunhas de Jeová, etc.).

Compreender a primeira parte da controvérsia é uma tarefa fácil. No entanto, diversos detalhes devem ser analisados antes de se chegar a uma opinião sobre o verdadeiro cerne do debate. As questões teológicas são as que mais se destacam nessa controvérsia. O homem que ajudou a moldar essas questões de maneira significativa foi um sacerdote de Alexandria chamado Ário. Ele acreditava que Jesus Cristo veio após Deus Pai e que era submisso a Ele. Sendo Jesus criado por Deus, não deveria ser considerado igual a Ele, mas sim adorado como um ser humano perfeito. Essa teologia passou a ser conhecida como arianismo.

Outro aspecto que devemos analisar é o político. Com o surgimento do arianismo, iniciou-se uma longa série de debates dentro da Igreja que nos leva aos fatores políticos por trás da formação dessa tempestade. Guido Berndt e Roland Steinacher escrevem que o surgimento dessa era de controvérsia foi central, e também nos ensinam que essa controvérsia trouxe à luz a “Mudança Constantiniana”.¹ Esse foi justamente o período em que o imperador romano Constantino legalizou o cristianismo no Império Romano. A situação era mais complexa do que isso, pois o cristianismo ainda não era a religião oficial sob Constantino, mas tornou-se legal por meio de um acordo básico. Constantino sabia que, para reunificar o Império Romano, seria muito mais fácil implementar o cristianismo como religião universal para o povo de Roma. A religião universal começa, e com ela surgem as ameaças políticas. Diversos concílios da Igreja foram convocados nesse período com o objetivo de eliminar a política e elevar a divindade à parte superior da Igreja.²

Esse foi um marco crítico na Igreja Cristã primitiva, que teve várias consequências. O desacordo teológico desafiou a doutrina sobre a natureza da divindade de Cristo e provocou debates que resultaram em mudanças fundamentais na teologia cristã.³ Além disso, a controvérsia também revelou a relação entrelaçada entre Igreja e Estado, com fatores políticos impactando significativamente a direção do discurso teológico.

¹ Guido M. Berndt and Roland Steinacher. *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. (Routledge, NY), 2016. Pg. 2

² Henry Melvill Gwatkin. *The Arian Controversy*. (Longmans, London), 1914. Pg. 18

³ Carlos R. Galvão-Sobrinho, *Precision, Devotion, and Controversy in Alexandria*. In *Doctrine and Power: Theological Controversy and Christian Leadership in the Later Roman Empire*, 1st ed., 35–46. University of California Press, 2013 <http://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt7zw0vs.9>.



2 CONTEXTO HISTÓRICO

Sabe-se que a Igreja Cristã primitiva passou por significativos desenvolvimentos teológicos nos séculos que antecederam a Controvérsia Ariana. O cristianismo surgiu como uma tradição religiosa distinta dentro do contexto mais amplo do Império Romano. Inicialmente, enfrentou perseguições e lutou para obter reconhecimento e aceitação, tendo seus seguidores chamados de “ateus” e “canibais”.⁴ No entanto, com a conversão do imperador Constantino no início do século IV, o cristianismo começou a transitar de uma fé marginalizada para tornar-se a religião oficial do Império. Essa mudança de status teve implicações profundas para a Igreja e sua teologia.

O cristianismo estava se tornando politicamente poderoso. Como resultado, a Igreja tornou-se uma instituição cada vez mais formalizada. O ponto de virada nesse processo ocorreu em 325, no Concílio de Niceia, convocado por Constantino para tratar de uma questão divisiva dentro da própria Igreja. O Concílio foi chamado para resolver a controvérsia em torno de Ário, um presbítero da cidade egípcia de Alexandria. Os ensinamentos de Ário sobre Cristo — daí o nome arianismo — causariam o primeiro grande cisma cristão desde a morte de Paulo. Em sua forma mais simples, o arianismo afirmava que Cristo foi criado por Deus Pai em algum momento antes da criação do universo. Isso significava que Ele era menos poderoso e eterno que o Pai, levando muitos dos que seguiam os ensinamentos tradicionais da Igreja a refletirem sobre a natureza de Cristo.

O que soa absurdo aos ouvidos evangélicos modernos era muito mais complexo naquela época. Por exemplo, sabe-se que o arianismo encontrou apoio entre várias figuras influentes da Igreja, especialmente Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia. Esses bispos possuíam significativa influência política e teológica, o que complicou ainda mais a controvérsia.⁵ Eles argumentavam que os ensinamentos de Ário estavam em conformidade com as Escrituras e acusavam aqueles que se opunham ao arianismo de promover uma nova forma de politeísmo. Consideravam mais importante preservar a unidade da Igreja do que envolver-se em disputas internas. Isso levou a um arranjo paradoxal entre os teólogos e líderes eclesiásticos; todos estavam alinhados com uma das duas facções concorrentes: o arianismo e sua contraposição.

3 DEBATE TEOLÓGICO

O debate girava em torno de duas figuras: um presbítero chamado Ário e um bispo chamado Alexandre, ambos residentes na cidade de Alexandria. Segundo seu opositor, Alexandre, Ário ensinava que Cristo não existia desde sempre, mas foi criado pelo Pai. Ário afirmava que o Filho foi a primeira e mais

⁴ Justo González. *The Story of Christianity: Volume 1: The Early Church to the Dawn of the Reformation. Kindle Edition* (New York, HarperOne), 2010. Pg. 47

⁵ Justo González. *The Story of Christianity: Volume 1: The Early Church to the Dawn of the Reformation. Kindle Edition* (New York, HarperOne), 2010. Pg. 79



elevada criatura criada por Deus, e que o Pai criou o universo por meio dele. Esse ensinamento, posteriormente denominado arianismo pela Igreja, representava um sério desafio à visão estabelecida de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram iguais e coeternos.

Ário sustentava suas crenças com passagens bíblicas que pareciam indicar a subordinação do Filho ao Pai, como João 14:28, onde Jesus diz: “o Pai é maior do que eu.” Ele também enfatizava a unidade e indivisibilidade de Deus, argumentando que, se Jesus fosse verdadeiramente Deus no mesmo sentido que o Pai, isso implicaria a existência de dois deuses, violando a doutrina do monoteísmo. Ário acreditava estar sendo injustamente perseguido pelo Papa de Alexandria, Alexandre. Ele realmente acreditava em sua interpretação das Escrituras.⁶

A doutrina ariana ganhou popularidade entre o clero e os leigos, provocando uma crescente controvérsia e divisão dentro da Igreja. Muitos bispos, incluindo Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia, apoiavam Ário e seus ensinamentos, vendo neles uma forma de preservar o monoteísmo ao mesmo tempo em que mantinham a distinção entre Deus Pai e o Filho.

Entretanto, a resposta ortodoxa ao arianismo foi liderada por Atanásio, o Bispo de Alexandria, que defendeu energicamente a fé de Niceia. Ele sustentava que Jesus era “da mesma substância” (*homoousios*) que o Pai.⁷ Jesus não era apenas um ser semelhante, mas o mesmo Deus que estava no princípio com Deus. O Filho de Deus — sendo completamente Deus, completamente divino, sem ordem inferior ao Pai em poder e eternidade — não teve início; não era uma criatura. Atanásio argumentava que apenas um verdadeiro Deus e um verdadeiro homem poderiam realizar a restauração da humanidade caída do pecado: “Que homem poderia fazer isso senão o Verbo de Deus?” Ao negar a plena divindade de Cristo, o arianismo retirava da redenção sua eficácia e da encarnação seu significado.

4 CLIMA POLÍTICO

Como é evidente, uma das figuras mais importantes nesta controvérsia específica foi o imperador romano Constantino, o Grande (governou de 306 a 337), o primeiro governante do Império Romano a se converter ao cristianismo. Constantino concedeu aos cristãos liberdade de culto por meio do Édito de Milão, encerrando um século de perseguições. Ele declarou no Édito: “Também lhes concedemos alegremente nossa aprovação, para que, como católicos, tenham permissão para construir e reunir-se nos locais que desejarem.”

A influência política de Constantino não se limitou ao Édito de Milão. Em 325, como mencionado anteriormente neste texto, ele liderou o Primeiro Concílio de Niceia, utilizando sua autoridade para reunir

⁶ Henry Bettenson and Chris Maunder. *Documents of the Christian Church*, 4th Edition. (Oxford, New York, 2011). Pg. 42

⁷ William Bright. *The Orations of St. Athanasius Against the Arians*. (Cambridge University Press, Cambridge, 2014) Pg. 35

bispos de todo o império e presidindo pessoalmente os procedimentos.⁸ Nesse concílio, a questão do arianismo foi intensamente debatida, com o próprio imperador defendendo a condenação de Ário e seus ensinamentos. Embora o assunto estivesse muito além de seu conhecimento teológico, o envolvimento direto de Constantino na convocação do concílio demonstrou o papel significativo da liderança política na formação do discurso religioso da época.⁹

As decisões políticas tomadas durante e após o Concílio de Niceia tiveram um impacto profundo no desenvolvimento do arianismo e de sua oposição. Apesar dos esforços de Constantino para alcançar a unidade, o concílio não conseguiu resolver a Controvérsia Ariana de forma definitiva. Embora o concílio tenha condenado Ário e seus ensinamentos, não erradicou o arianismo. Em vez disso, provocou uma onda de conflitos políticos e teológicos que persistiriam muito além do reinado de Constantino.

A intensa vontade política de garantir algum grau de unidade religiosa dentro do império foi transmitida aos homens que agora o governavam. Esses homens produziram uma avalanche de decretos e leis que deixavam claro que o poder político estava quase inteiramente do lado dos anti-arianos. Bispos arianos foram exilados. Posteriormente, os arianos foram excluídos de qualquer cargo civil, do comando administrativo do exército e da corte imperial. Na época do Primeiro Concílio Geral, não havia dúvida legal de que a religião oficial e preferida do império era o cristianismo ortodoxo. Mas essa mesma atividade inflamou a questão ainda não resolvida do arianismo e, assim, criou-se uma cisão não apenas entre a corte e os muitos simpatizantes arianos em sua equipe e no exército, mas também entre a Igreja e o Estado.¹⁰ Além disso, o clima político do século IV teve um efeito desastroso sobre o desenvolvimento da própria teologia. Os imperadores exigiam — e frequentemente recebiam — um grau considerável de controle sobre as políticas e ensinamentos daquilo que, apenas meio século antes, Constantino havia declarado como a religião oficial do agora decadente e militarizado Estado. Isso empregou Igreja e Estado em uma aliança cada vez mais estreita e mutuamente vantajosa. A Igreja foi condenada a uma aliança com um Estado que poderia, a qualquer momento, substituí-la por outra religião oficial. E o Estado conquistou um certo controle sobre um corpo de teólogos que estavam encontrando novas maneiras de sugerir que os representantes da religião oficial na corte imperial eram, de fato, corruptos ou mesmo, em sua teologia, diminuídos.

A interação entre poder religioso e político durante a Controvérsia Ariana foi complexa e de longo alcance. Os imperadores não apenas exerceram controle político sobre a Igreja, mas também dependeram da autoridade religiosa para legitimar seu governo. Por sua vez, a Igreja utilizou sua influência para obter

⁸ Ramsay MacMullen. *Constantine*. (Routledge, NY, 2014) Pg. 161

⁹ *Ibid.* Pg. 170

¹⁰ Guido M. Berndt and Roland Steinacher. *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. (Routledge, NY), 2016. Pg. 312

favores políticos e garantir sua posição doutrinária. Essa relação simbiótica entre as duas instituições significava que qualquer mudança no clima político impactava diretamente o cenário religioso.¹¹

O envolvimento dos imperadores nos debates teológicos borrava as linhas entre as esferas religiosa e política. O Concílio de Niceia, por exemplo, destacou até que ponto a opinião do imperador influenciava as decisões da Igreja. Essa fusão entre autoridade religiosa e política estabeleceu um precedente para futuros debates e controvérsias dentro da Igreja Cristã.¹²

5 ESCALADA E RESOLUÇÃO DA CONTROVÉRSIA ARIANA

Os debates em Niceia foram marcados por intensas argumentações sobre questões teológicas, cujo desfecho representou um triunfo para os defensores da posição ortodoxa e trinitária. A principal realização pastoral do concílio foi a formulação do Credo Niceno, que definiu a divindade de Jesus Cristo como “da mesma substância do Pai”. Esse credo duradouro, que ofereceu uma resposta à heresia ariana, resolveu a antiga disputa sobre a natureza de Cristo e definiu os limites da ortodoxia. No entanto, havia motivações políticas por trás de Niceia. A unidade da Igreja era de suma importância para Constantino, que via a estabilidade do Estado como dependente da unidade da Igreja. A Controvérsia Ariana não apenas dividiu a Igreja, mas gerou conflitos contínuos por todo o império. O objetivo do imperador, ao convocar o concílio, era pôr fim à disputa e declarar um ensinamento definitivo e oficial que pavimentasse o caminho para a harmonia religiosa no império.

Os resultados do Concílio de Niceia foram multifacetados. Por um lado, o concílio conseguiu refutar Ário e seus seguidores, reafirmando o ensinamento tradicional da Igreja. O Credo Niceno tornou-se a declaração central da fé cristã ortodoxa e serviu como salvaguarda contra futuras heresias. No entanto, o concílio não resolveu completamente a Controvérsia Ariana, pois algumas facções continuaram a se opor ao credo e a promover o arianismo.¹³ O período posterior ao Concílio de Niceia testemunhou debates teológicos contínuos e turbulência política. O arianismo persistiu como uma doutrina popular, encontrando apoio entre diversos bispos e até mesmo alguns imperadores. Isso levou à realização de concílios e sínodos subsequentes que visavam esclarecer e solidificar ainda mais a doutrina trinitária ortodoxa. Esses concílios — notadamente o Concílio de Constantinopla em 381 d.C. e o Concílio de Calcedônia em 451 d.C. — desempenharam papéis cruciais na resolução contínua da Controvérsia Ariana.

Foi apenas no Concílio de Constantinopla que o arianismo foi definitivamente condenado, e a doutrina trinitária ortodoxa reafirmada. O concílio confirmou a divindade do Espírito Santo e articulou ainda mais a relação entre as três pessoas da Trindade. Essa resolução final da Controvérsia Ariana teve

¹¹ Ramsay MacMullen. *Constantine*. (Routledge, NY, 2014) Pg. 183

¹² Charles Odahi. *Constantine and the Christian Empire*. (Routledge, NY, 2010). Pg 221

¹³ *Ibid.* 183

consequências significativas tanto para a Igreja quanto para o Estado. A unidade doutrinária foi alcançada dentro da Igreja, lançando as bases para seus futuros desenvolvimentos teológicos.¹⁴

Além de suas implicações teológicas, o Concílio de Niceia teve sérias implicações políticas para os imperadores romanos, particularmente aqueles que anteriormente haviam defendido o arianismo. O imperador Constâncio II havia sido um apoiador do arianismo, mas posteriormente aceitou o Credo Niceno. Agora, por ora, os imperadores estavam unidos, e as disputas não voltariam a fazer parte de suas vidas até 381, quando Teodósio revogou o Édito de Milão, tornando o cristianismo a religião oficial do Império Romano. A vítima dessa manobra política foi o partido político Homoiano. Eles perderam toda a credibilidade junto a seus patronos imperiais e à Igreja.

6 CONCLUSÃO

Portanto, em conclusão, a Controvérsia Ariana foi um evento de grande relevância no cristianismo primitivo e, subsequentemente, na história mundial. A importância da Controvérsia Ariana reside no fato de que ela provocou e sustentou discussões teológicas sobre a relação entre a Trindade, a divindade de Cristo e a natureza de Deus por mais de meio século. As disputas e debates foram registrados, e a partir deles obteve-se o apoio de pessoas de todo o mundo em sua consideração. Os acontecimentos que antecederam a Controvérsia Ariana foram marcantes; a natureza humana de Cristo foi contemplada pela primeira vez na história. O Concílio de Niceia foi realizado em 325 com o objetivo de resolver quaisquer questões remanescentes sobre a relação entre Deus e Jesus. A posição estabelecida no Credo Niceno tornou-se o dogma final e eterno da ortodoxia cristã quanto à natureza de Cristo.

Em segundo lugar, a Controvérsia Ariana foi um evento altamente significativo na história mundial porque colocou em julgamento todo o sistema sociopolítico do final do Império Romano. A disputa dificilmente começou com Ário, que só mais tarde foi considerado um agitador altamente suspeito. Os problemas começaram quando o imperador Constantino solicitou a construção de um templo cristão em Bizâncio, pretendendo que o cristianismo fosse, pela primeira vez, aceito no âmbito secular. Continuando com o tema da controvérsia entre religião e política, vemos que o arianismo foi utilizado como massa de manobra por grupos religiosos combatentes sobre uma questão significativa — primeiro entre os arianos e a Igreja Ortodoxa, e depois entre uma gama inteira de seitas e facções arianas minoritárias em guerra entre si dentro da Igreja. Se não houver confiança ou acordo entre o Estado e a Igreja quanto ao estabelecimento de uma política de relação entre Igreja e Estado, então as diferenças entre as duas facções mencionadas acima obviamente não devem ser resolvidas por meio de canais diplomáticos seculares.

¹⁴ Guido M. Berndt and Roland Steinacher. *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. (Routledge, NY), 2016. Pg. 64



Por fim, há consenso quanto à importância da Controvérsia Ariana, pois ela teve um impacto profundo e duradouro no cristianismo e no mundo. A Controvérsia Ariana deve ser compreendida à luz das discussões e argumentos mantidos sobre ideias teológicas vitais como a Trindade, a divindade de Cristo e a natureza de Deus. O mundo político utilizou o mundo religioso, e o mundo religioso utilizou o político.



REFERÊNCIAS

Berndt, Guido M., and Roland Steinacher. *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. Routledge, NY, 2016.

Bettenson, Henry, and Chris Maunder. *Documents of the Christian Church, 4th Edition*. Oxford, New York, 2011.

Bright, William. *The Orations of St. Athanasius Against the Arians*. Cambridge University Press, Cambridge, 2014.

Galvão-Sobrinho, Carlos R. "Precision, Devotion, and Controversy in Alexandria." In *Doctrine and Power: Theological Controversy and Christian Leadership in the Later Roman Empire*, 1st ed., 35–46. University of California Press, 2013.

González, Justo. *The Story of Christianity: Volume 1: The Early Church to the Dawn of the Reformation*. Kindle Edition, HarperOne, New York, 2010.

MacMullen, Ramsay. *Constantine*. Routledge, NY, 2014.

Odahi, Charles. *Constantine and the Christian Empire*. Routledge, NY, 2010.